



OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

Publicação quadrimestral da Sociedade Teosófica de Portugal

JANEIRO ~ ABRIL 2016, Nº 28

ISSN 0873 - 0814



DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS

A Sociedade Teosófica é composta por estudantes que pertencem a qualquer religião no mundo, ou a nenhuma, que estão unidos pela aceitação dos Objetivos da Sociedade, pela vontade de remover os antagonismos religiosos e de aproximar os homens de boa vontade, independentemente das suas opiniões religiosas, e pelo desejo de estudar as verdades religiosas e de partilhar os resultados dos seus estudos com os outros. O seu vínculo de união não é professar uma crença comum, mas uma busca comum e a aspiração pela Verdade. Eles sustentam que a Verdade deve ser procurada pelo estudo, pela reflexão, pela pureza de vida, pela devoção aos ideais elevados, e consideram a Verdade como uma recompensa a ser alcançada pela força da vontade, e não como um dogma a ser imposto pela autoridade. Eles consideram que a crença deve ser o resultado do estudo individual ou da intuição, e não a sua premissa, e deve fundamentar-se no conhecimento, não na alegação. A todos, eles estendem a sua tolerância, mesmo aos intolerantes, não como um privilégio por eles conferido, mas como um dever que desempenham, procurando eliminar a ignorância, e não puni-la. Eles veem qualquer religião como uma expressão da Sabedoria Divina e preferem o seu estudo ao invés da sua censura, e a sua prática ao invés do proselitismo. A Paz é o seu lema, assim como a Verdade é o seu objetivo.

A Teosofia é o corpo de verdades que constitui a base de todas as religiões, e que não podem ser reivindicadas como propriedade exclusiva de nenhuma religião. A Teosofia oferece uma filosofia que torna a vida inteligível, e que demonstra a justiça e o amor que guiam a sua evolução. A Teosofia coloca a morte no seu devido lugar, como um incidente recorrente numa vida sem fim, abrindo a porta para uma existência mais plena e radiante. A Teosofia restitui ao mundo a Ciência do Espírito, ensinando o homem a conhecer o Espírito como ele mesmo, e a mente e o corpo como seus servos. A Teosofia ilumina as escrituras e as doutrinas das religiões, desvendando os seus significados ocultos e, desta forma, justificando-as à luz da inteligência uma vez que elas são sempre justificadas aos olhos da intuição.

Os Membros da Sociedade Teosófica estudam essas verdades e os Teósofos esforçam-se por vivê-las. Todo aquele que estiver disposto a estudar, a ser tolerante, a desejar o mais elevado e a trabalhar com perseverança, é bem-vindo como membro e dele dependerá poder tornar-se um verdadeiro Teósofo.

in The Theosophist

OSIRIS

REVISTA PORTUGUESA DE TEOSOFIA

JANEIRO - ABRIL 2016, Nº 28

Periodicidade quadrimestral

ISSN: 0873-0814

Depósito legal: 88327/95

S.R.I.P. 100 777 STP

Tiragem: 200 Exemplares

Propriedade: Sociedade Teosófica de Portugal

Rua José Estevão 10 B,

1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

Tel.: 21 353 47 50

NIF: 501 465 215

Director: Carlos Guerra

Colaboradores: Ana Maria Coelho de Sousa,

António Roque, Rosa Duarte

A S.T.P. é responsável pelas notícias oficiais publicadas nesta revista. Os artigos são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Impressão: Gráfica Eborense, Sociedade

Instrutiva Regional Eborense, S.A.

Rua da Misericórdia 9-13, Apartado 28,

7002-501 Évora

Capa: Tim Boyd (1953), oitavo presidente da Sociedade Teosófica Internacional (Adyar, India) a partir de 2014.



SUMÁRIO

Editorial

JANEIRO ~ ABRIL 2016

Editorial

Carlos Guerra 1

Os Objetivos da Sociedade
Teosófica ao Longo dos Tempos

Josephine Ransom 3

Alocução aos Novos Membros

Tim Boyd 5

A Teosofia é Para Todos

Radha Burnier 8

Introdução ao Trabalho de
Krishnamurti

David Bohm 10

Existe Algo Permanente em Nós?

J. Krishnamurti 14

A Morte Coloca a Vida em
Evidência

Betty Bland 16

A Evolução do Universo

Annie Besant 19

A Teosofia e o Dharma
no Mundo de Hoje

Manuel Cavaco Nunes 24

Notícias da S.T.P.

Carlos Guerra 30

Na sua abrangência universalista, os objetivos da Sociedade Teosófica são verdadeiros desafios à vivência da fraternidade e da liberdade. Genuína, uma tal vivência não se programa, não se prepara, não se ensaia, não tem uma base conceitual, não é o resultado de nenhuma disciplina, acontece no afeto pela vida, no afeto que é atenção. Ela surge quando aquilo que se considera como individual se dilui no universal e ganha a dimensão sem dimensão do todo. *Sê como o oceano, que recebe todos os rios e riachos. A calma imensa do oceano não se perturba; recebe-os e não os sente (H.P.B.).*

A predisposição interior para o conhecimento de si mesmo é a raiz dessa vivência. Dar a si mesmo uma importância marcada pelo excesso é dificultar o surgimento dessa predisposição interior. *O contentamento de si próprio, ó discípulo, é uma torre altíssima, à qual um insensato orgulhoso subiu. Ali se senta em orgulhosa solidão, invisível a todos, salvo a si-próprio (H.P.B.).*

Cada um de nós é em si mesmo o todo, sendo dele inseparável. Respirar o mesmo ar, partilhar da mesma natureza física e psicológica, habitar o mesmo planeta e existir num mesmo universo, são sinais claros dessa inseparabilidade. *Na constante procura de uma identidade que tudo separa, laboriosamente construído pelo pensamento, o eu é o criador da cruel heresia da separação (H.P.B.).*

Aquilo a que se chama individual é a aparência que o eu encontra para se circunscrever a si mesmo num recanto que quer grande, num recanto onde procura a segurança e a permanência, num recanto que decora com ideais e com caminhos para os atingir, numa luta labiríntica consigo mesmo e com tudo aquilo que o rodeia, num conflito que tenta

superar com a invenção de símbolos e de malabarismos interpretativos. *Quando o homem está consciente de si próprio como entidade separada, continuamente busca o exterior para encontrar auxílio, para a sua subsistência, para o seu bem-estar; deste modo, ele cria desordem em lugar de ordem, e por causa dessa desordem surgem as superstições, as ilusões, as cerimônias (J.K.).*

Tudo facilmente se deteriora, em qualquer recanto onde falhe a passagem da brisa que refresca, onde a luz feneça, onde a escassa água não arraste o lodo e a terra infértil impeça qualquer florescimento. Ter uma percepção clara do seu aprisionamento é estar predisposto para conhecer-se a si mesmo, é derrubar todos os muros que dificultem a renovação, que dificultem a vivência genuína da fraternidade e da liberdade. Entre a percepção clara do seu aprisionamento e a predisposição para o conhecimento de si mesmo, o tempo não existe – esta percepção clara e esta predisposição não são meios, nem etapas, nem objetivos. São o passo necessário para dar substância e dinamismo à vivência da fraternidade e da liberdade, aquela vivência que tudo integra.

O conhecimento de si mesmo é um fluxo, um processo natural, que favorece uma tal vivência, que evita a construção do recanto falsamente mágico e misterioso onde o eu continuamente se reinventa, num constante engano de si mesmo, dividindo-se em inferior e superior. Conhecer-se a si mesmo, com a simplicidade de quem acompanha o desenrolar da vida, de braços abertos, e a ele reage de forma positiva, de quem não se deixa ludibriar pela procura de nenhum engrandecimento pessoal, é viver de forma fraterna e liberta. *É do botão da renúncia da sua própria personalidade que nasce o fruto doce da libertação final (H.P.B.).*

Nota – todas as citações de H.P.B. (Helena Petrovna Blavatsky) mencionadas neste editorial foram extraídas da obra *A Voz do Silêncio* (tradução de Fernando Pessoa, editora Assírio & Alvim, Lisboa, junho 1998). A citação de J.K. (Jiddu Krishnamurti) foi extraída de uma palestra proferida em Londres, em 1931.

Carlos Guerra

A verdadeira felicidade existe na corrente de amor que brota da alma de cada um, e o homem que permitir o fluxo contínuo desta corrente, em todas as condições da vida, em todas as situações, por mais difíceis que possam ser, viverá uma felicidade que verdadeiramente lhe pertencerá.

Hazrat Inayat Khan
A Dança da Alma

Os Objetivos da Sociedade Teosófica ao Longo dos Tempos

1875

Os objetivos da sociedade são reunir e difundir um conhecimento das leis que governam o universo.

1881

1. Formar o Núcleo de uma Fraternidade Universal da Humanidade.
2. Estudar a literatura, a religião e a ciência Arianas.
3. Defender a importância desta investigação e corrigir deturpações com as quais ela tem sido obscurecida.
4. Explorar os mistérios ocultos da Natureza e os poderes latentes do Homem, sobre os quais os Fundadores acreditam estar a Filosofia Oriental numa posição de lançar luz.

1886

1. Formar o Núcleo de uma Fraternidade Universal da Humanidade sem distinção de raça, credo ou cor.
2. Promover o estudo das literaturas, religiões e ciências Arianas, e outras literaturas, religiões e ciências Orientais.
3. Um terceiro objetivo, seguido por uma parte dos membros da Sociedade, é investigar as leis inexplicadas da natureza e os poderes psíquicos do homem.

1888

1. Formar o Núcleo de uma Fraternidade Universal da Humanidade sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
2. Promover o estudo das literaturas, religiões, filosofias e ciências Arianas, e outras literaturas, religiões, filosofias e ciências Orientais.
3. Um terceiro objetivo, seguido por uma parte dos membros da Sociedade, é investigar as leis inexplicadas da natureza e os poderes psíquicos do homem.

1890

1. Formar o Núcleo de uma Fraternidade Universal da Humanidade sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
2. Promover o estudo das literaturas, religiões, filosofias e ciências Arianas, e outras literaturas, religiões, filosofias e ciências Orientais, e demonstrar a sua importância para a Humanidade.
3. Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes psíquicos latentes no homem.

1894

(Apenas o segundo objetivo é sujeito a alteração)

2. Promover o estudo das literaturas, religiões, filosofias e ciências Arianas, e outras literaturas, religiões, filosofias e ciências Orientais, e demonstrar a importância desse estudo.

1896

(Os objetivos não foram sujeitos a qualquer alteração até aos dias de hoje)

1. Formar um Núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.
2. Encorajar o estudo comparado das religiões, das filosofias e das ciências.
3. Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no homem.

In: Uma História Breve da Sociedade Teosófica, 1938, de Josephine Ransom

O primeiro objetivo da Sociedade Teosófica é a filantropia. O verdadeiro Teósofo é um filantropo — “não para si próprio mas para o mundo no qual ele vive”. Isto, e a filosofia, a verdadeira compreensão da vida e dos seus mistérios, darão a base necessária e indicarão o caminho correto a seguir.

K.H.

In: Cartas dos Mestres de Sabedoria, N.º 45

Alocução aos Novos Membros

TIM BOYD

Enquanto membro de longa data da Sociedade Teosófica, lembro-me da sensação de entusiasmo e do surgimento de aspiração que senti, quando a ela me filiei. Interiormente, eu sabia que tinha dado um passo importante. Todos temos razões diversas para ter aderido à Sociedade Teosófica. Para alguns de nós, foi o facto de os nossos pais terem sido membros. Crescemos num lar onde o valor do trabalho que esta organização apresenta e a sua aproximação à verdade nos estimularam constantemente. Não era algo em que tivéssemos que pensar ou que tivéssemos de analisar. A Teosofia penetrava a atmosfera do nosso lar, e tornou-se uma parte da constituição do nosso ser. Há outros que chegaram mais tarde, nas suas vidas, ao encontro dos ensinamentos da Sociedade e neles encontraram não só uma estrutura concetual eficaz, rica em informações sobre os planos da Natureza, sobre o significado da evolução espiritual, mas também uma história de grandes seres que se associaram a si mesmos a esta sabedoria e ao movimento da Sabedoria Perene, ao longo do tempo. Há outros que encontraram os ensinamentos, ou alguém ainda vivo com uma profunda relação com estas verdades, e perceberam que alguma coisa os moveu. Alguma coisa dentro deles respondeu à vida que fluía através dessas pessoas.

Assim que aderimos à Sociedade, o trabalho real começa. Ninguém que encontre aqui o seu caminho é uma alma jovem. Para ter um interesse por tudo isto, devem ter ocorrido muitas vidas de esforço no sentido do desabrochar. Não chegamos aqui por acaso. Muitos aderem com a ideia de que agora se encontram entre um grupo de pessoas perfeitas, que superaram os grilhões do mundo e que podem ser encaradas como guias no caminho espiritual. Em vez disso, apercebem-se que se encontram no meio de pessoas como nós, pessoas que tiveram uma experiência que confirma uma verdade profundamente sentida, mas que estão longe de ser perfeitas. Ao aderir à S.T. estamos a dizer 'Sim' a alguma coisa: "Sim, há uma Verdade permanente, abrangente e sempre presente; 'sim' eu acredito que posso ligar-me a essa verdade e expressá-la na minha vida. E 'sim', os três objetivos da Sociedade Teosófica estão sintonizados com a minha consciência interior".

Mesmo que dois dos três objetivos não soem a verdadeiros, isto basta desde que o primeiro objetivo seja aceite. A Sociedade surgiu para formar um núcleo de Fraternidade Universal da Humanidade, sem levar em conta qualquer uma das separações humanamente criadas em fronteiras de raça, credo, sexo, casta ou cor. Referimo-nos apenas a um pequeno

número de diferenças no primeiro objetivo da S.T., mas todos sabemos que os níveis de discriminação e limitação do nosso pensamento são infinitos. Assim, dizemos 'Sim' a tudo isso, que é uma possibilidade e que também é possível moldar a nossa vida de tal forma que ela possa expressar esta grande Verdade, primeiro em nós mesmos, depois nos nossos lares e, então, no mundo.

Este não é um ensinamento do outro mundo, exigindo o abandono da nossa família e amigos e a ida para algum lugar isolado. A nossa abordagem à Verdade é bastante mais difícil do que apenas nos isolarmos numa caverna. O que ela exige de cada um de nós é que encontremos alguma forma de realização exatamente onde estivermos, no meio de todos os conflitos e disputas que qualquer vida normal envolve. A verdade não está ausente da 'vida normal'. Não é um retiro do mundo. O grande desafio para nós é que este caminho exige que aprendamos a abraçar o mundo com todas as imperfeições. Esta é uma tarefa muito mais exigente e difícil. A beleza está no facto de dizermos 'Sim' com conhecimento de causa.

'Sim' é uma palavra poderosa. Consideramos que esta palavra é uma expressão de um estado de consciência que pode ser descrito como um estado de abertura. Isto significa que estamos dispostos a reconhecer que é parte da nossa condição de seres humanos que a existência de medos que encontramos e que, no decurso normal do mundo, o medo é a emoção predominante subjacente que parece manter-nos afastados uns dos outros. Isto também significa que existe um compromisso

para reconhecer e, nesse reconhecimento, dissipamos esses falsos ídolos de receio, discriminação e ódios, que parecem ser a forma normal deste mundo.

A S.T. é uma organização poderosa, e o seu poder não está apenas nos seus membros. Surgiu a partir de uma fonte muito mais profunda. Os Mestres da Sabedoria, os Mahatmas, os Irmãos Mais Velhos – estes são os verdadeiros fundadores deste movimento. Nós, os seus membros, somos certamente imperfeitos. No nosso trabalho dentro da S.T. é útil lembrar que iremos sempre encontrar imperfeições e dificuldades nos vários indivíduos dentro desta organização mas, por detrás de cada pessoa que se torna membro, está algo maior. Se pudermos treinar-nos a procurá-lo, certamente veremos os sinais de uma presença que nos guia – o Eu Superior que desperta.

Quando entrei para a S.T., o passo que eu estava a dar foi descrito como a formação de um outro elo numa cadeia de ouro – mais um elo foi adicionado a esta cadeia. É uma cadeia que se estende a partir dos níveis mais baixos em direção aos níveis mais elevados da consciência, de um passado distante em direção a um futuro inimaginável. O nosso reconhecimento desta chamada interna é necessariamente escutado e a resposta apropriada chega continuamente até nós. É a própria vida que responde, apresentando-nos a orientação necessária em cada momento. O nosso trabalho é excutar, remover camadas e ver com os olhos recém-abertos. Entregamo-nos ao trabalho de despertar, como se acordássemos, aprofundando a

nossa consciência. Este trabalho agraciarnos-á no decurso da nossa vida e será uma fonte de bênção para nós, para as pessoas próximas a nós, e para este mundo. Como novos membros da Sociedade Teosófica, este é um passo importante que estais a dar. Saúdo-vos pelo passo dado, pela vossa coragem e vontade. Qualquer que seja o modo através do qual eu possa ajudar, qualquer que seja o modo através do qual esta Fraternidade, à qual acabais de aderir, possa ajudar, não deveis hesitar em pedir auxílio – exterior ou interiormente.

Gostaria que todos aqui reunidos se levantassem e enviassem agradecimentos silenciosos aos novos membros

que deram um passo tão maravilhoso... Digamos juntos, com os nossos novos irmãos, a Oração Universal escrita por Annie Besant que, como novos membros, proferirão com frequência ao longo do tempo:

*Ó vida oculta vibrando em cada átomo,
Ó luz oculta brilhando em cada criatura,
Ó amor oculto abraçando tudo em um,
Possa todo aquele que se sente um contigo,
Compreender que é, portanto, um com
todos os outros. ∞*

*In: The Theosophist Vol. 136 No. 6,
Março 2015*

A verdadeira Sociedade Teosófica é uma unidade indivisível, animada por uma vida individual! A sua alma é o amor à verdade, o seu princípio vital é a bondade, e habita num mundo acima do material, onde nenhum inimigo lhe pode tocar. A sua manifestação na terra depende de um veículo apropriado, e a primeira condição necessária para o veículo é que ele deve ser um todo unido.

A Sociedade Teosófica é uma força ideal para o bem, difundido pelo mundo inteiro, mas requer condições materiais e, a mais importante, é um centro material a partir do qual e para o qual circularão as forças dinâmicas que se equilibram entre si. Esta é uma condição da vida de todas as organizações e de todos os organismos, e a Sociedade Teosófica é ambos; é uma organização no plano material e um organismo no espiritual. Um centro comum, por conseguinte, é tão necessário por razões espirituais como por razões físicas.

H. S. Olcott

A Teosofia é Para Todos

RADHA BURNIER

Teosofia é a sabedoria que fornece uma base para a ação e a vida corretas. É certo que não se destina a beneficiar apenas aqueles que são capazes de aprofundamento intelectual e de se tornarem especialistas no conhecimento do universo. Como Annie Besant escreve, em *A Sabedoria Antiga*, a Teosofia surgiu no mundo de imediato como uma filosofia adequada e uma religião e uma ética abrangentes. Para citar as suas palavras:

Acerca das escrituras cristãs, foi dito por um devoto que continham bancos de areia nos quais uma criança poderia caminhar e profundidades nas quais um gigante deve nadar. Uma declaração semelhante pode ser feita acerca da Teosofia, uma vez que alguns dos seus ensinamentos são tão simples e tão práticos que qualquer pessoa de inteligência média pode compreendê-los e segui-los, enquanto outros são tão sublimes, tão profundos, que o mais capacitado esforça o seu intelecto para entendê-los e sai esgotado deste esforço.

Pelo facto de a Teosofia integrar ensinamentos profundos e elevados, isto não significa que pessoas simples devam ser privadas de apresentações adequadas ao seu próprio nível, as quais as ajudarão a dar o próximo passo ascendente no caminho para a perfeição. Nem deve concurir-se que, devido aos fundamentos teosóficos poderem

ser abordados de modo a que a pessoa comum os possa entender e pôr em prática, os aspetos mais profundos ou místicos estejam a ser evitados ou resguardados. É necessária toda a diversidade, e a Sociedade Teosófica deve oferecer ou disponibilizar, dependendo do estágio de desenvolvimento, temperamento e aptidão de cada pessoa, os aspetos do conhecimento teosófico que fornecem a maior inspiração, orientação e instrução para cada pessoa.

Mestres espirituais têm referido a sabedoria antiga como uma fonte inesgotável com águas que dão vida. Todos os que estão interessados retirarão dela um dedal ou uma grande tanque, de acordo com as suas capacidades. Aqueles que ainda estão na fase em que podem fazer uso de apenas um pouco, têm direito à água, tanto quanto aqueles que retiram mais. Todos encontrarão frescura e força para dar mais um passo, sem importar se o fazem rápida ou lentamente.

Experiências pessoais ao longo de várias décadas de trabalho Teosófico oferecem alguns exemplos inspiradores. Um ladrão profissional, analfabeto, ao ouvir por acaso uma exposição de Teosofia durante uma conferência, ficou tão impressionado que mudou o seu modo de vida, tornou-se um membro dedicado e um participante regular no trabalho,

na medida das suas capacidades. A Doutrina Secreta não poderia tê-lo ajudado, mas ele estava pronto para responder a uma simples explicação e dar o próximo passo a partir do ponto onde se encontrava.

Uma viúva infeliz, com pouca educação, oprimida pelas condições sociais prevaletentes e sofrendo maus-tratos, habituais nessa altura, encontrou uma nova luz através do contacto com a Teosofia e libertou-se da sua amargura. As pessoas comuns, nascidas em famílias rigidamente ortodoxas, de um género ou outro, encontram um novo sentido para a vida, após a visão teosófica da religião ter chamado a sua atenção. Em todos estes casos, algum aspeto do ensino da sabedoria permitiu que as pessoas avançassem e a Teosofia apareceu-lhes como uma benção, de uma forma simples.

Cada um de nós pode receber apenas a luz que os seus olhos podem ver. Talvez a partir das posições elevadas dos seres iluminados, até aqueles que se consideram especialistas em Teosofia sejam apenas

indivíduos que vão à fonte com um pequeno balde, senão mesmo com um dedal. H. P. Blavatsky afirmou que a Sociedade Teosófica foi formada para ajudar a mostrar aos seres humanos que existe algo a que se chama Teosofia. Isto implica que as pessoas devam ser ajudadas a perceber que existe uma filosofia de vida que lança luz sobre todos os problemas e devam ser encorajadas a absorver o suficiente dessa sabedoria para dar o próximo passo na sua jornada. As mentes conhecedoras e brilhantes poderão (quando interessadas) assimilar mais para avançar na viagem; as pessoas simples receberão o que puderem e também avançarão. Essa é a natureza da evolução: cada um move-se a partir do ponto onde se encontra. O dever da Sociedade Teosófica é garantir que aquilo que as pessoas recebem, independentemente do seu nível, é, de facto, a luz da Sabedoria, que é o entendimento que faz progredir no sentido de maior justiça, liberdade interior e da não-separatividade. ∞

H.P.B. foi uma lutadora, não uma sacerdotiza, uma profeta mais do que uma vidente; ela foi, além do mais, muitas coisas que vós não esperaríeis, tal como um instrumento para trazer à memória muito do que foi sagrado e sábio na antiguidade... Ela própria dava-me a impressão de eu estar em contacto com alguém colossal, titânico, por vezes quase cósmico. Muitas vezes perguntei-me se este estranho ser pertencia de facto à nossa humanidade — e, no entanto, ela era verdadeiramente humana, verdadeiramente carinhosa.

G.R.S. Mead
Concerning H.P.B.

Introdução ao Trabalho de Krishnamurti

DAVID BOHM

O meu primeiro contacto com o trabalho de Krishnamurti foi em 1959 quando li o seu livro *O Sentido da Liberdade* (*First and Last Freedom*). O que despertou especialmente o meu interesse foi a sua profunda visão sobre a questão do observador e da coisa observada. Esta questão, há muito que tinha estado próxima do cerne do meu próprio trabalho, como físico teórico especialmente interessado no sentido da teoria quântica. Pela primeira, vez no desenvolvimento da física, a noção de que estas duas entidades não podem estar separadas foi sendo avançada como necessária para o entendimento das leis fundamentais da matéria em geral. Não só por isto, como também pelo facto de o livro conter muitas outras percepções profundas, senti que era urgente, para mim, conversar com Krishnamurti, direta e pessoalmente, tão cedo quanto possível.

E, quando o encontrei pela primeira vez numa das suas visitas a Londres, fiquei surpreendido pela grande facilidade de comunicar com ele, o que se tornou possível pela intensa energia com a qual ele escutava e pela sua libertação das barreiras e reservas autoprotetoras, com que ele respondia ao que eu tinha a dizer. Sendo uma pessoa que trabalha em ciência, senti-me completamente à vontade com este género de resposta porque era, em essência, da mesma qualidade das

respostas que eu tinha encontrado em contactos com outros cientistas, com os quais ocorrera um encontro muito próximo nas ideias. Penso principalmente em Einstein que mostrava uma intensidade semelhante e uma ausência de barreiras durante algumas conversas que aconteceram entre nós os dois. Depois disso, comecei a encontrar-me com Krishnamurti regularmente e a conversar com ele sempre que ele vinha a Londres.

Iniciámos uma parceria que desde então se tornou cada vez mais próxima, à medida que me interessei pelas escolas, tais como a escola de Brockwood Park, em Inglaterra, as quais foram abertas por sua iniciativa. Nestas discussões entrávamos profundamente em muitas questões que interessavam ao meu trabalho científico. Explorávamos a natureza do espaço e do tempo, a natureza do universal, tanto em relação à natureza externa quanto em relação à mente. Mas, depois, prosseguíamos refletindo sobre a desordem e a confusão que impregnam a consciência da humanidade. Foi aqui que encontrei aquilo que sinto ser a maior descoberta de Krishnamurti. Aquilo que ele seriamente propunha era que toda essa desordem, que é a raiz de um sofrimento e miséria tão abrangentes e que impede os seres humanos de trabalharem verdadeiramente juntos, enraiza no facto de sermos ignorantes

acerca da natureza geral dos nossos próprios processos do pensamento. Dizendo de uma outra forma, pode afirmar-se que não vemos o que está realmente a acontecer quando estamos envolvidos na atividade do pensamento. Através da atenção firme e da observação desta atividade do pensamento, Krishnamurti percebe diretamente que o pensamento é um processo material, que ocorre no ser humano, no cérebro e no sistema nervoso como um todo.

Tendemos normalmente a prestar mais atenção ao conteúdo do pensamento, ao invés de prestar atenção ao modo como ele realmente ocorre. Podemos ilustrar este ponto, considerando o que acontece quando lemos um livro. Estamos habitualmente atentos, quase que por inteiro, ao sentido do que está a ser lido. No entanto, podemos também estar conscientes do livro em si mesmo, da sua constituição feita de páginas que podem ser folheadas, de palavras impressas e da tinta, da textura do papel, etc. Da mesma forma, podemos estar conscientes da estrutura e da função reais do processo de pensamento, e não apenas conscientes do seu conteúdo.

Como pode surgir um tal género de consciência? Krishnamurti propõe aquilo a que ele chama meditação. À palavra meditação tem sido atribuída uma grande variedade de significados, diferentes e mesmo contraditórios, muitos deles envolvendo formas de misticismo um tanto superficiais. Krishnamurti tem em mente uma noção clara e definida quando usa a palavra meditação. Pode obter-se uma indicação valiosa desse significado ao considerar a origem da palavra. (As raízes das palavras, em

articulação com os significados geralmente aceites, de uma forma geral, favorecem muitas vezes entendimentos surpreendentes sobre os seus significados mais profundos). A palavra meditação, em inglês, provém da raiz latina 'med' que significa 'medir'. O significado atual da palavra é 'refletir', 'ponderar' (isto é, pesar ou medir), e 'dar correta atenção'. De forma semelhante, a palavra sânscrita para meditação, que é 'dhyana', está intimamente relacionada com a palavra 'dhyati', que significa 'refletir'. Assim, meditar seria 'ponderar' e 'refletir', ao mesmo tempo que se presta um atenção clara ao que está realmente a acontecer, enquanto se 'pondera' e se 'reflete'.

Talvez isto seja o que Krishnamurti quer dizer quando se refere ao início da meditação. Isto é, o indivíduo presta uma atenção clara a tudo o que está a acontecer em simultâneo com a atividade real do pensamento, a qual é a fonte subjacente da desordem geral. Isto acontece sem escolha, sem criticismo, sem aceitação ou rejeição do que está a ocorrer. E tudo isto ocorre juntamente com reflexões sobre o significado daquilo que se está a aprender sobre a atividade do pensamento. (Talvez seja como ler um livro, no qual as páginas foram desordenadas e estar intensamente consciente dessa desordem, ao invés de simplesmente 'tentar dar sentido' à narrativa confusa que surge quando apenas se aceitam as páginas como estiverem).

Krishnamurti observou que o próprio ato da meditação irá, por si mesmo, trazer ordem à atividade do pensamento, sem a intervenção da vontade, da escolha, da decisão, ou de qualquer outra ação do

‘pensador’. Assim que essa ordem surge, o barulho e o caos, que são o fundo habitual da nossa consciência, desaparecem e a mente torna-se silenciosa, de um modo geral. (O pensamento surge somente quando é necessário para algum propósito genuinamente válido, e depois para, até ser necessário de novo).

Nesse silêncio, Krishnamurti diz que algo novo e criativo acontece, algo que não pode ser transmitido por palavras, mas que tem um significado extraordinário para o todo da vida. Assim, Krishnamurti tenta não comunicar isso verbalmente, mas, ao invés, pede àqueles que estão interessados, que explorem a questão da meditação diretamente por si próprios, através de atenção verdadeira à natureza do pensamento.

Sem tentar entrar neste significado mais profundo da meditação, pode dizer-se, no entanto, que a meditação, no sentido que Krishnamurti dá à palavra, pode trazer ordem à nossa atividade mental como um todo, e isto pode ser um fator-chave que traz um fim ao sofrimento, à miséria, ao caos e à confusão que, por séculos, têm sido o destino da humanidade, e que, em geral, assim continua a ser, sem uma perspectiva visível de mudança fundamental num futuro próximo.

O trabalho de Krishnamurti é permeado pelo que pode ser denominado como a essência da abordagem científica, quando considerada na sua forma mais elevada e pura. Assim, ele começa com um facto, um facto sobre a natureza dos nossos processos do pensamento. Este facto é estabelecido através de uma atenção firme, que envolve a escuta cuidadosa do

processo da consciência, observando-o de forma regular. Assim, estamos em situação de aprendizagem constante e, a partir desta aprendizagem, surge o ‘insight’ da natureza geral ou global do processo de pensamento. Este ‘insight’ é então testado. Primeiro, verificando se ele se mantém firme, do ponto de vista racional. E depois, verificando se conduz à ordem e à coerência, a partir daquilo que dele flui na vida como um todo.

Krishnamurti enfatiza constantemente que ele não é, de forma alguma, uma autoridade. Ele fez certas descobertas, e simplesmente faz o melhor que pode para tornar essas descobertas acessíveis a todos aqueles que forem capazes de escutar. O seu trabalho não contém nenhum corpo de doutrina, nem Krishnamurti oferece técnicas ou métodos para se obter uma mente silenciosa. Krishnamurti não visa estabelecer qualquer sistema novo de crença religiosa. Pelo contrário, cabe a cada ser humano perceber se pode descobrir por si mesmo aquilo a que Krishnamurti chama atenção e, a partir daí, fazer novas descobertas por si próprio.

Assim, é claro que uma introdução como esta pode, na melhor das hipóteses, mostrar como o trabalho de Krishnamurti é visto por uma pessoa em particular, um cientista, tal como eu. Para perceber inteiramente o que Krishnamurti quer dizer é necessário, com certeza, prosseguir e ler o que ele realmente afirma, com aquela qualidade de atenção à totalidade das reações de cada um de nós, interior e exteriormente, de acordo com o que aqui abordámos. ∞

Excerto de um artigo escrito pelo Dr. Bohm em 1982.

Em geral, a nossa consciência está tão completamente limitada pelo espaço-tempo e pela linguagem, a ponto de imaginarmos que todos os níveis do ser jazem nestes limites. Condenados como estamos às superfícies, negamos completamente as profundezas, esquecendo que estas limitações não representam mais do que um minúsculo fragmento da realidade. Entretanto, a consciência restrita fica confinada dentro dessas fronteiras para o interior das quais tenta forçar tudo o mais. É como se toda a escala musical devesse ser confinada a uma única nota, porque ela é tudo o que conseguimos escutar. A nossa linguagem vulgar é um instrumento para as comunicações interpessoais, não para as suprapessoais. Quando o nosso ego é transcendido, a palavra 'eu' perde o sentido e o significado; o mesmo acontece com a dicotomia sujeito-objeto que dele depende. Uma vez que toda esta distinção linguística central se torna nublada, toda a descrição passa a ser problemática. Então, alguns dizem 'Eu sou Brahman', e outros afirmam que 'o Pai habita em mim', e alguns, como Buda, permanecem em silêncio ou não fornecem qualquer descrição positiva em absoluto.

Ravi Ravindra
Sussurros da Outra Margem

Existe Algo Permanente em Nós?

J. KRISNAMURTI

Pergunta: Existe algo permanente em nós?

Krishnamurti: O facto é que todas as coisas são impermanentes, quer vos agrade, quer não; mas isto não é uma questão de aceitação. Coloca-se aqui uma questão de enorme importância. O que é 'aceitação'? A aceitação implica ter ocorrido uma discordância entre nós. A respeito do que discordamos? Evidentemente, a respeito de opiniões. As opiniões podem ser aceites ou rejeitadas. Mas estais aceitando a verdade de que a vida é impermanente ou apenas vendo o facto de que ela é impermanente, e isso nenhuma relação tem com aceitação? Ninguém precisa aceitar ou admitir a profundidade do oceano: ele é profundo. Ninguém precisa convencer-vos do facto de que uma bala de fuzil é uma coisa muito perigosa. Nós aceitamos quando não vemos o facto realmente. Não se trata de aceitar o que eu estou a afirmar. Estou simplesmente a descrever o processo real do nosso pensar, que é o de desejarmos um estado de permanência em todas as coisas – na família, nas posses, na posição. Mas a vida não é permanente. Isto é um facto óbvio e, portanto, não requer aceitação. O facto é que a vida é impermanente. Pode a mente, porém, pôr de parte todas as filosofias, todas as práticas,

todas as disciplinas, as quais são seguidas na esperança de alcançar um estado permanente? Pode a mente ficar livre de tudo isso e ver qual é o facto? Estando a mente livre para ver o facto, está o facto então separado da mente? A própria mente não é então o movimento do facto?

A dificuldade está em não escutarmos o que se diz; e não o escutamos, por estarmos a escutar as opiniões e juízos que trazemos connosco e com os quais pretendemos contradizer ou aceitar o que se diz. Escutar, simplesmente, o que se diz, é uma das coisas mais difíceis. Já procurastes realmente, alguma vez, escutar alguém? Experimentai, procurai escutar realmente o que alguém diz, assim como se escuta uma canção, como se escuta uma coisa com a qual não temos de concordar nem de discordar, e vereis como isso é extraordinariamente difícil porque, para se escutar simplesmente o que alguém diz, a mente precisa de estar muito quieta. Para se averiguar se o que se diz é verdadeiro ou falso, necessita-se de uma mente muito silenciosa, e não se devem interpor, entre a mente e o que se está a dizer, os nossos próprios juízos a respeito da questão. Desejais saber se existe alguma coisa permanente em nós. Como o descobrireis? Podereis descobri-lo apenas por meio de uma experiência

OSIRIS • Existe Algo Permanente em Nós?

direta. Afirmar-se a existência, ou não, de um estado permanente, faz apenas surgir uma contradição, porquanto essa afirmação condiciona a mente para pensar de uma certa maneira. Se a mente deseja descobrir o que é verdadeiro, deve

estar livre de todos os conhecimentos prévios, da experiência, da tradição. Isto é um facto óbvio. ∞

In: A Visão da Realidade, J. Krishnamurti, 1959

*Como a faísca
Que há de dar calor
Está escondida entre as cinzas escuras,
Assim, oh amigo,
A luz
Que há de guiar-te
Está escondida
Sob a poeira
Da tua experiência.*

Krishnamurti
A Canção da Vida

A Morte Coloca a Vida em Evidência

BETTY BLAND

Por que ficamos tão fascinados pelas Experiências de Quase-Morte (EQM)? Certamente são uma curiosidade e algo para além da experiência normal, mas parece ser mais do que isso. As experiências fora do corpo, as premonições e outras experiências psíquicas são numerosas mas não têm a notoriedade das EQM. Não existem tantos *best sellers* ou palestras em relação aos outros tipos de fenômenos. A morte, contudo, parece chamar-nos a atenção, porque todos estamos encaminhados nessa direção. Além disso, embora os relatos de EQM sejam tão variados nos detalhes que impedem que tenhamos uma imagem clara, a EQM dá pistas importantes para as questões básicas da vida. Por que estou aqui? Qual é o meu propósito? Estou condenado pelos erros do passado? Perdi definitivamente aqueles de que gosto?

A nossa relação com a morte define o sentido da vida. Se não há uma existência para lá da sepultura, então ficamos tentados a “comer, beber e viver alegremente.” Mas se a nossa consciência continua a existir, mesmo sem o corpo físico, então podemos enfrentar consequências importantes para além desta jornada terrena. As tradições religiosas podem prometer-nos qualquer coisa, desde uma viagem ao paraíso celestial, até sermos atirados para os lagos

de fogo do inferno para toda a eternidade. As implicações da nossa morte podem elevar-nos ou devotar-nos ao desespero.

Na tradição budista, preparar-se para o momento da morte é uma prática importante. Durante algum tempo, o praticante visualiza a sua morte em todos os seus pormenores – o funeral, a decadência, a impermanência. Embora isto possa parecer mórbido para os nossos ouvidos ocidentais, o exercício pode ser bastante útil para fazer estremecer as fundações do ego controlador e ansioso. Ao fazê-lo, cria uma abertura na psique para uma vida mais feliz e preenchida, com menos apegos pulsantes.

O reconhecimento de uma consciência para além do corpo físico pode proporcionar-nos algum consolo e até uma certa esperança. Este reconhecimento pode ser o resultado de uma EQM, como a que eu tive, em resultado de práticas meditativas intensivas e até uma rara realização espontânea. Teoricamente sabemos que somos mais do que o corpo, mas, tal como com muitos conceitos intelectuais, isso não penetra necessariamente nas nossas convicções internas. Podia compará-lo aos meus sentimentos acerca dos saltos em altura. Vejo fotos de muitas pessoas que o fizeram e dou-me conta de que o mecanismo elástico parece seguro, mas não estou disposta

a confiar nele; para mim, permanece como uma teoria que não tem impacto no meu interior. Não vou alterar as minhas ações apenas porque penso que é bom fazer isso. Não me vou prender àquele arnês e dar um passo para lá da beira do precipício.

Nos nossos mundos interiores, o precipício do qual não nos queremos atirar é o do abandono dos padrões das nossas mentes. Estes são padrões ou vibrações que constituem o nosso eu pessoal, com todos os seus condicionamentos, medos e apegos. Nos Yoga Sutras, Patanjali diz-se que, para se iniciar o ioga, devemos esforçar-nos por acalmar estas vibrações do desejo e da ansiedade de modo, por exemplo, a ligarmo-nos a energias mais benéficas e harmoniosas.

Independentemente dos meios utilizados, uma certeza absoluta da nossa existência, para lá desta dimensão, terá impacto na nossa mundividência. Então, teremos a certeza de que somos mais do que o corpo. Contudo, a EQM vai para lá disso. O valor particular da EQM é o de que a vasta maioria das experiências estão imbuídas de uma atmosfera amorosa entre seres compassivos, certas de não condenação por atos indevidos e um sentido de propósito com uma missão altruísta. Quando se têm estas experiências, as prioridades invertem-se. O que parecia importante no reino físico é menorizado e os valores espirituais crescem em significado. Embora a personalidade inferior esteja ainda presente, a consciência expande-se para incluir uma interconexão de tudo, um sentido de responsabilidade para o caminho que se está a trilhar, uma perspetiva mais ampla de tempo e um otimismo paciente e moderado.

Que melhor recompensa pode alguém receber que o conhecimento da sua participação integral no grande Todo? Esta tomada de consciência transmite-nos um sentimento de ligação, amor, compaixão e tudo o mais que se lhe queira chamar. A inspiração resultante e o reconhecimento rejubilante do valor da vida atraem-nos, naturalmente, para o altruísmo em todas as suas formas. No reconhecimento da nossa ligação com o todo reside um sentido de missão, ou peregrinação. Uma vez experienciado um vislumbre do esplendor da alma, sentimo-nos atraídos para essa luz. Esta jornada pode ser árdua, mas uma satisfação floresce na alma, enquanto lidamos com as dificuldades, à semelhança do prazer do atleta quando desenvolve as suas forças e capacidades.

Com estes esforços nasce um sentido mais alargado de tempo. Enquanto viajamos pelo caminho, vamos vendo novas panorâmicas. O objetivo é tão distante que pode parecer inatingível; contudo, a alegria de participar no grande plano conduz-nos adiante. O paradoxo nasce do facto de que cada detalhe é da maior importância, mas ao mesmo tempo tudo deve ser relativizado e nada realmente interessa no momento. Ocorre o sentimento de que estamos a passar pela sala de aprendizagem da vida, mas teremos outras oportunidades para corrigir as falhas e completar as tarefas. A partir daquilo que pode ser chamado a 'regra dos 100 anos', muitas dificuldades desvanecem-se por serem insignificantes. Olhando para qualquer crise através de uma lente temporal de 100 anos no futuro, isto proporciona uma perspetiva mais ampla.

Estes efeitos de uma EQM têm um paralelo com as Três Proposições Fundamentais expostas em A Doutrina Secreta da Senhora Blavatsky: 1) unidade inteligente e interligada; 2) vastos ciclos de tempo e 3) peregrinação individual e autorresponsabilidade. A universalidade destes princípios é impressionante, derive ela dos ensinamentos dos antigos Mistérios, conforme referido em A Doutrina Secreta, ou dos encontros de quase-morte. Cada fonte confirma a outra e fornece-nos marcos de esperança ao longo do caminho. Tal confirmação deve, pelo menos, dar-nos esperança como é referido em Coríntios, ‘Tragada foi a morte na vitória’ e a sepultura não mais tem o seu agulhão. Com uma compreensão plena, podemos dissipar os temores da morte, embora eu admita que, como Woody Allen uma vez disse: “Não

me importo de morrer. Só não quero lá estar quando acontecer.” Os vários relatos de EQM, contudo, asseguram que passamos do desconforto para uma glória pela qual vale a pena esperar.

Os relatos de experiência de quase-morte representam uma recompensa para todos nós. Dão-nos o incentivo de que vivemos num universo benevolente cheio de compaixão e propósito. Além disso, a contemplação da morte encoraja-nos a abandonar algumas das nossas insignificantes preocupações pessoais, ou seja, a morrer para o ego, de modo a que possamos experienciar a vida de um modo mais pleno, em toda a sua abundância. ∞

Este artigo foi publicado na edição de Junho de 2015 de TheoSophia, a revista oficial da Sociedade Teosófica da Nova Zelândia

O problema fundamental, acredito eu, é que a cada nível prestamos demasiada atenção aos aspetos materiais externos da vida enquanto negligenciamos a ética moral e os valores internos. Por valores internos quero dizer as qualidades que todos apreciamos nos outros, e para as quais todos temos um instinto natural, legado pela nossa natureza biológica animal que sobrevive e se desenvolve apenas num ambiente de interesse, afeto, e carinho ou, numa única palavra, compaixão.

Dalai Lama

A Evolução do Universo

ANNIE BESANT

É *espantoso ver como os pontos essenciais tinham sido bem apreendidos*, nota a Dra. Annie Besant na sua autobiografia, comparando o seu primeiro resumo de A Doutrina Secreta, publicado no Pall Mall Gazette de 25 de abril de 1889, com o segundo, aparecido dois meses depois no semanário de Charles Bradlaugh, The National Reformer, de 23 de junho de 1889 que a seguir reproduzimos e que revela o brilho espiritual que possuiu Annie Besant desde o seu primeiro encontro com a Teosofia.

O National Reformer dirige-se a tipos de leitores tão diversos – a maior parte de entre eles liberais – pelo que haverá certamente alguns que se interessarão pelos pontos de vista inéditos sobre o universo enunciados nesta obra notável. Madame Blavatsky, que o escreveu, é uma personalidade tão notável quanto o seu livro. Foi saudada como o apóstolo de uma nova revelação e denunciada como o autor da maior impostura contemporânea. Que ela fosse uma impostora, ninguém acredita entre os que a conheceram; mas é evidente para todos – mesmo aos olhos dos que percorrerem rapidamente estes volumes – que ela possui vastos e profundos conhecimentos sobre o oriente e que vai buscar as suas informações a fontes raras e de difícil acesso. Todavia, contentar-se em percorrer

esta obra poderá ter um efeito mais repulso que atrativo: de facto, quer se trate da antiguidade desconhecida da idade do Livro de Dzyan – um dos manuscritos mais antigos do mundo – até mesmo do misticismo para que ele remete, ainda mais misterioso, quer se trate das suas subtilezas metafóricas, totalmente incompreensíveis, mesmo contraditórias, a menos que se notem e compreendam as delicadas nuances sintáticas, quer se trate do universo oriental no qual estas imagens mentais vivem e se passam, ou antagonismos entre toda essa corrente intelectual e o pensamento da nossa civilização ocidental – tudo isto constitui outros tantos elementos suscetíveis de fazer franzir as sobrancelhas ao leitor inglês do século XIX, de seguida encolher os ombros e deitar o livro ao chão. Porque, de facto, o Oriente inicia o estudo do universo no preciso sítio onde o Ocidente termina o seu. Armadas de telescópio, de microscópio e de escalpelo, as ciências ocidentais interrogam a Natureza, adicionam os factos uns aos outros, registam experiências umas após outras. No entanto, estas ciências são confrontadas com abismos cada vez mais insondáveis pelos seus padrões, a alturas cada vez mais inacessíveis pelas suas escalas. Por mais extensas e magistrais que sejam as suas respostas ao como, o porquê escapa-lhes sem cessar e as causas permanecem

obscuras. Por seu turno, as ciências orientais servem-se apenas de um único instrumento científico: o das faculdades penetrantes do mental. Estas ciências consideram que o plano físico é Mâyâ, a ilusão, e procuram as causas dos efeitos materiais no plano mental e no plano espiritual do ser. Segundo elas, é aí que reside a única realidade, é aí que reside a verdadeira existência da qual o universo visível não passa de uma sombra.

A escada da evolução

É evidente que, para se empreenderem estas investigações, é preciso uma preparação mental superior àquela que o corpo humano habitualmente consegue. É aí que se situa o “cruzamento dos caminhos” entre Oriente e Ocidente. Para estudar o universo material, os nossos cinco sentidos – que sustêm os instrumentos inventados pelas ciências – podem chegar. Para tudo o que depende do que podemos ouvir e ver, saborear e tocar, estes servos habituais permanecem os melhores guias disponíveis para conhecer – ainda que muitas vezes induzindo em erro. Contudo, pela sua própria natureza, tornam-se inúteis quando as investigações têm de se socorrer de outros modos de existência dos quais as nossas terminações nervosas físicas não conseguem guardar o rasto sob a forma de memória. Tomemos um exemplo: aquilo que conhecemos como sendo uma cor, é de facto constituído pela frequência vibratória de determinadas vibrações etéricas que chegam até à retina ocular. Quando estas vibrações são compreendidas entre certos limites precisos – entre, no máximo, 759 milhões de oscilações e mínimo de 436 milhões – estas vibrações provocam em nós

uma sensação que o cérebro traduz em cor. (Ignoramos por que razão os 436 milhões de oscilações percebidos na extremidade de um nervo acabam em ‘vermelho’ na outra extremidade; relatamos este facto sem sermos capazes de o explicar).

Mas o espectro vibratório do éter não se limita ao que podemos aperceber, mesmo que, do nosso ponto de vista, não existam níveis vibratórios superiores e inferiores àquilo que é por nós percebido. Contudo, se o nosso sentido da visão fosse mais agudo, poderíamos ver aonde hoje somos cegos. Se prosseguirmos este raciocínio, verificamos que a matéria poderá existir sob formas que nos são desconhecidas e que poderá passar por estados que os nossos sentidos são incapazes de apreender. É aqui que entra em cena o sábio oriental que diz:

“O que pensais ser uma possibilidade é uma realidade: possuímos sentidos desenvolvidos tão superiores aos vossos como os vossos olhos em relação aos olhos da medusa. Desenvolvemos faculdades mentais e espirituais que nos permitem empreender investigações nos planos superiores do ser com tanta certeza como a que tendes no plano físico. Não existe aqui nada de sobrenatural: não mais sobrenaturais que os vossos próprios conhecimentos, contudo bem superiores aos de um peixe. Não avançamos hipóteses sobre estas formas superiores de existência: conhecemo-las através das nossas pesquisas pessoais, tal como vós conheceis a fauna e a flora do vosso mundo. Os poderes de que dispomos não são sobrenaturais: estão latentes em cada ser humano e desenvolver-se-ão à medida que a raça humana progredir. A única coisa que

fizemos foi desenvolvê-los mais rapidamente do que os nossos vizinhos, utilizando um procedimento que vos é tão acessível como o foi para nós. Assim, a matéria está em todo o lado, embora possuindo sete estados de que apenas conheceis quatro – três até recentemente; é nestes estados superiores que residem as causas cujos efeitos vós vedes nos seus estados inferiores. Por conseguinte, a fim de conhecerdes estas causas, deveis desenvolver a capacidade para conhecer os planos superiores”.

A não ser que consideremos a evolução como um sonho ou ter-se chegado ao cimo da sua escada – o que parece uma hipótese bastante absurda – não há em si nada de irracional nesta declaração. Confirmar a sua veracidade – confirmar que existem homens destes, dotados de faculdades psíquicas muito avançadas – depende das provas avançadas por cada um: alguns estão tão seguros da sua existência como o estão dos seus pais, enquanto outros, estranhos à questão, rejeitam, talvez demasiado depressa, esta possibilidade. Poderemos sugerir, quanto à futura evolução mental, que não há qualquer dúvida que começam a nascer faculdades psíquicas em numerosas pessoas: a clarividência, o mesmerismo ou a hipnose mostram a existência, em condições anormais, de uma visão interior que transcende o poder do sentido da visão, bem como faculdades ainda não compreendidas.

A principal dificuldade de todas as pesquisas levadas a cabo neste domínio, ainda pouco decifrado da psicologia, reside na perda potencial do controlo do juízo pessoal face ao que não é normal. O principal perigo reside no risco de se

ver o equilíbrio mental perturbado: que a pressão sobre o mental se torne tal que o estudante acabe por ultrapassar a linha que separa a saúde mental da loucura.

Conhecimentos secretos

Parece-me necessária esta introdução, para que o leitor que não esteja familiarizado com o nível de pensamento em questão se aproxime um pouco das ideias que subjazem à Doutrina Secreta. Porque nela vem indicado que estas ideias provêm dos “Sábios do Oriente”, os quais conservavam em seu poder, como o fizeram os seus antecessores, os manuscritos que constituem a fonte da presente obra. Numa época da Antiguidade tão recuada que faz com que os Romanos, os Gregos e os Hebreus pareçam pequenos rebentos nascidos ontem, sábios indianos pensavam, observavam e refletiam sobre as suas observações, prosseguindo a sua tarefa, geração após geração. Os conhecimentos recolhidos eram sempre mantidos secretos e longe do maior número para apenas serem revelados àqueles que, depois de um longo período de probação, vieram a ser Iniciados. No ponto de evolução atual da raça humana, chegou o tempo para que a humanidade possa beneficiar de alguma parte desses conhecimentos; passados alguns anos, alguns desses conhecimentos foram filtrados. O livro que está perante nós contém um resumo da evolução do universo e da génese do homem: o leitor que emprender a sua leitura, seja ele quem for, prepare-se para um longo e intenso esforço intelectual.

Daremos aqui apenas um breve apanhado e isto por duas razões: primeiro, a falta de espaço para fazer uma apresentação

detalhada; segundo, todo aquele que deseje compreender a Doutrina Secreta deve empreender o seu estudo por si próprio. Seria impossível desenhar o plano de um continente na palma da mão, ou comprimir uma montanha numa bola de bilhar. Eis então, em poucas palavras, do que se trata.

Origens do Cosmos

Antes de o universo visível vir à manifestação, existe 'o Ser-Entidade Absoluto' – esse estado abstrato do Ser – sem limites, infinito e imutável. Não nos deteremos sobre este conceito, pois todo o estudante conhece as contradições sem fim sobre as quais deslizamos penosamente, sempre que procuramos descrever o Absoluto. Porque, de facto, logo que começamos a ser precisos, contradizemo-nos. No início de um ciclo desperta o Logos Não Manifestado – ideiação abstrata e potencial, raiz do futuro Mahat, da alma universal e inteligente – de onde nasce o segundo Logos no seu duplo aspeto de Purûsha e Prakrti – Espírito-Matéria ou Pai-Mãe e Mahat, o Filho. Deste Triângulo do Ser, Purûsha, Prakrti e Mahat, 'emana' a vida sob todas as suas formas, em numerosas hierarquias nos sete planos da existência. O Espírito 'cristaliza-se', por assim dizer, na matéria através dos três primeiros planos, consolida-se e torna-se cada vez mais espesso, até ao ponto de viragem que constitui o quarto plano, onde se torna mentalmente consciente de si, enquanto prossegue a sua densificação. Depois, a partir do quarto plano retoma um movimento ascendente, liberta-se reduzindo a densidade do seu invólucro material – embora conservando a experiência que de outra forma não poderia

ter adquirido – até que, enriquecido com a sabedoria de tudo o que recolheu durante as suas lutas e seus erros, regressa ao ponto de onde partiu e repousa. Este ciclo forma um Manvantara, a que se segue 'o Sono de Brahma'; quando volta a despertar, tem início um novo Ciclo, mas num plano superior. Os meus leitores deverão consultar o próprio livro, para completar este esboço e não ficarão desiludidos com o que lá encontrarão.

Antropogénese

Que papel desempenha o homem neste vasto teatro que é o universo? Inútil será dizer que ele não é a única forma de vida num Cosmos que permanece, no conjunto, inabitável para ele. Tal como as ciências demonstram, a presença de formas de vida em todo o mundo físico – espécies presentes em cada gota de água e a vida palpitando em cada folha e cada rebento de erva –, a Doutrina Secreta sublinha as formas de vida presentes nos planos superiores da existência, cada uma adaptada ao meio que a rodeia. Assim, vemos todo o espaço vibrar de vida e em parte alguma morte, mas transformações. Entre estes milhares de formas de vida, algumas evoluem para a humanidade, outras evoluem para fora da humanidade, tal como a conhecemos, despojando-se do que ela tem de mais grosseiro. Porque o homem é considerado um ser de natureza sétupla: quatro níveis pertencem ao seu corpo animal e perecem no momento da morte ou imediatamente a seguir; os outros três formam o seu Eu Superior, a sua verdadeira individualidade – estes persistem após a morte. Constituem o Ego. É este que passa por numerosas

incarnações, que aprende as lições da vida à medida que vai caminhando, trabalhando pela sua própria redenção, sempre submetido a uma lei inexorável, semeando grãos de que fará sempre a colheita, construindo o seu próprio destino com mãos infatigáveis. E no tempo e espaço incomensuráveis que o rodeiam, este Ego não encontra, em parte alguma, alguém que lhe possa aliviar um único peso que ele tenha criado, que possa levar por ele um único dos fardos que ele tenha acumulado, que possa desfazer por ele um só dos nós que ele tenha emaranhado, que possa preencher por ele um só dos abismos que ele atravessou.

A evolução física e mental do homem vem traçada no segundo volume, etapa a etapa: a vida de cada uma das sucessivas raças humanas vem aí esboçada com todas as suas características. O leitor atento notará, com interesse, até que ponto estes ensinamentos orientais tão depressa contradizem como confirmam os nossos pontos de vista ocidentais. Recordemos aqui um ponto que, embora de menor importância, tem consequências significativas: trata-se da recente descoberta, pelas ciências ocidentais, de que a glândula pineal – cuja função permanece muito controversa – é o vestígio do “terceiro olho”. Enquanto o ocidente acaba de o “descobrir” agora, o oriente sabe-o desde tempos imemoriais.

Ciências e ordem social

A terceira parte da primeira secção, Apêndice, que trata da ciência oculta e da ciência moderna, é muito atraente (Segundo Volume da edição francesa), porque revela um enorme conhecimento das últimas descobertas científicas. É curioso verificar

até que ponto certas teorias recentes parecem entrever elementos das doutrinas ocultas – como se a Ciência estivesse a ponto de descobrir conhecimentos sem medida comum com os seus. E ela vai avançando, hesitante, a fim de compreender forças junto das quais tudo o que já domina é insignificante. Quando conseguirá ela aproximar-se da compreensão destas forças? Esperemos que não seja antes de ter transformado a ordem social: com receio que estes conhecimentos não deem mais aos que já possuem e não tornem os infelizes ainda mais infelizes. Porque o conhecimento movido pelo egoísmo aumenta o fosso que divide os homens e as comunidades, podendo ser de recear que à descoberta de novas forças da Natureza venha atrelado o carro da Cupidez. Eis por que a sabedoria destes “Mestres”, em nome dos quais se expressa Madame Blavatsky, sempre recusou o conhecimento que é poder, até que seja aprendida a lição do Amor, e só deu o controlo destas forças da natureza aos que são desinteressados, para evitar que o seu desvio destruía a sociedade humana. ∞

A Evolução do Universo, Resumo da Doutrina Secreta, in *The Theosophist*, janeiro 2013

A Teosofia e o Dharma no Mundo de Hoje

MANUEL CAVACO NUNES

O Sentido da Vida

O Dharma é a natureza interna caracterizada em cada homem pelo grau de desenvolvimento adquirido e, além disso, a lei que determina o desenvolvimento no período evolutivo que vem a seguir (a meta a ser atingida).

Annie Besant

A palavra Dharma, escrita em Sânscrito, aparece no lema da Sociedade Teosófica sendo verdade que a Teosofia está intimamente relacionada com ela, a qual tem sido traduzida como: Dever, Lei, Retidão e Religião, mas que é tudo isso, pois é a Lei da Vida. Conforme iremos verificar nas várias descrições e estudos comparativos que realizámos, nomeadamente no Hinduísmo, no Budismo, no Cristianismo e na Teosofia, apresentados em forma bastante sintetizada. Podemos, no entanto, afirmar que este código de ética parece transcender o tempo e a história, pois é perene, pertencendo, tanto ao passado, como ao presente e ao futuro, estando sempre interligado ao futuro evolutivo da nossa Humanidade.

Quando as nações surgiram uma a uma, sobre a terra, cada uma recebeu de Deus uma palavra especial, destinada a dirigir-se ao mundo. Palavra singular que vem do Eterno e que cada nação deve pronunciar.

Para o Egito foi Religião, para a Pérsia foi Pureza, para a Caldeia foi Ciência, para a Grécia foi Beleza, para Roma foi Lei, e para a Índia, o mais velho dos seus filhos, assim como para todo o mundo, Ele concedeu uma palavra, que tudo resumia, Dharma.

Hinduísmo

Sobre o caminho da retidão

O Hinduísmo descreve Dharma como lei universal natural, cuja observância permite que os humanos possam ser seres contentes e felizes. Dharma é a lei moral combinada com a disciplina espiritual que guia a vida. Os Hindus consideram Dharma o próprio fundamento da vida, o que significa “aquilo que mantém” as pessoas e toda a criação.

Dharma refere-se à ética religiosa, proposta por gurus hindus em antigas escrituras indianas, descrevendo a raiz da palavra dharma como compaixão. Este princípio foi retomado por Buda no seu livro imortal de grande sabedoria, Dhammapada “Este mundo é confirmado pelo Dharma”.

No poema épico, Bhagavad Gita, a Mensagem do Mestre, narra a instrução de Sri Krishna ao seu discípulo Arjuna e explica-lhe a verdadeira natureza humana. Este é o combate entre o “Bem” e o “Mal” que se trava no interior da natureza humana. Os Pândavas, as forças superiores, representam o Dharma; os Kurus, as forças inferiores,

representam o Karma. Shri Krishna define e explica de uma forma admirável o simbolismo do dever fundado em Leis. “Mais vale cumprir o seu próprio dever, ainda que seja humilde, do que o dever alheio por mais nobre e excelente que seja”. “Preferível é morrer no cumprimento do seu dever ... porque o alheio está cheio de perigos”. Daí a importância do autoconhecimento.

O que impede o ser humano de alcançar o Divino são: a ilusão, a fascinação e o guardião do umbral. A vida num caminho luminoso tem quatro aspetos: austeridade, pureza, compaixão e verdade. A essência desta filosofia reside em possuir um correto carácter, poder e força espiritual. Esta prática dá uma experiência de paz, alegria, força e tranquilidade e torna a vida disciplinada.

Budismo

O Caminho de Oito Passos (Ensinados pelo Senhor Buda)

A felicidade é um estado de espírito, de modo que a verdadeira fonte da felicidade deve estar dentro da mente, e não nas condições externas.

No Budismo, Dharma significa “proteção”. Ao praticar os ensinamentos de Buda protegemo-nos do sofrimento e dos problemas. Todos os problemas que enfrentamos durante a vida diária originam-se na ignorância, e o método para eliminar a ignorância é a prática do Dharma.

No passado, as pessoas viviam em países pobres e subdesenvolvidos, mas foram capazes de encontrar felicidade pura e duradoura, praticando os ensinamentos de Buda.

Se primeiro estabelecermos a paz dentro das nossas mentes, treinando os

caminhos espirituais, a paz exterior virá naturalmente; mas se não o fizermos, a paz mundial nunca será alcançada. Existem três qualidades do Dharma, três campos de ação que cultivam e reforçam o carácter: generosidade, abstenção moral e meditação.

Tudo é impermanência, movimento e vibração. A consciência é o objeto de todos os diferentes fatores mentais, o corpo de todos os fenómenos que compartilham o fluxo desta impermanência. Quando a mente está clara, experimenta essa mudança incessante e, a cada instante, estamos a nascer e a morrer. Devemos cultivar o Desapego, não nos ligarmos a nenhum estado mental ou corporal, a nenhuma situação externa, pois tudo está mudando a todo o momento. Todos os elementos da matéria, todos os elementos da mente, surgem e desaparecem. A Intuição é cultivada através da prática da atenção, da concentração e da meditação.

O Senhor Buda ensinou as Quatro Nobres Verdades e o Caminho de Oito Passos que denominou A Nobre Óctupla Senda, que conduz à libertação. Estes oito passos são: o Caminho que conduz à cessação da tristeza; o Reto pensamento; a Reta palavra; a Reta ação; o Reto meio de subsistência; o Reto esforço; a Reta memória ou a Reta recordação; a Reta meditação ou a Reta concentração. O caminho do meio é a essência da doutrina budista, nele se baseia o modo de vida, as atitudes morais e as práticas religiosas do budismo.

Cristianismo

As Bem-Aventuranças

Meditámos qual seria no Cristianismo, na sua expressão mais elevada, que

correspondesse ao seu Dharma. As oito Bem-Aventuras são, na verdade, uma declaração de princípios pronunciadas pelo Mestre Jesus no início do Sermão da Montanha, relativas tanto à condição presente como futura do homem.

O Sermão começa com as oito Bem-Aventuranças, que são a síntese dos passos da Iniciação Cristã, sendo o processo da evolução do espírito na sua jornada terrena. Aqui estão descritos, de um modo impressionante e com uma clareza cristalina, os passos que o homem deve seguir para chegar ao Reino dos Céus. Consiste num passo iniciático, que segue uma ordem ascendente. Os passos indicam a condição terrena e material, que leva o Espírito encarnado até à sua libertação da cadeia evolutiva deste ciclo. Inicia-se pois, com o homem terreno, puramente materialista que vive exclusivamente para a matéria até à sua libertação total.

Teosofia

O Sentido da Vida

O homem é um ser espiritual, essencialmente uno com a Realidade, que pode desenvolver as suas potencialidades, através da sua vontade, a qual pode, no entanto, estar condicionada de acordo com a sua evolução. Neste drama do universo, onde vive, aprende a fazer o que é justo de acordo com as Leis Divinas, porque isso promove o bem de todos, inclusive o seu. O indivíduo, ao contemplar a própria natureza do Universo como uma expressão de Deus, deduz que a meta suprema da evolução e o despertar de sua natureza espiritual dependem da forma como ele vive e atua, isto é, em perfeita harmonia com a Vontade

Divina. A retidão é a base indispensável da vida espiritual (Boa Conduta).

À medida que a sua mente se vai libertando da carga das inclinações do passado, o que aumenta a sua felicidade, permite que a Luz e a Intuição se infiltrem gradualmente na sua mente, e o Amor no seu coração. Como fruto deste despertar do Discernimento, começa-se a perceber a natureza ilusória da vida nos planos inferiores, a futilidade em continuar aliado a interesses mundanos, de poder ou prazer temporais.

A compreensão da Realidade conduz a um sublime ideal que lhe permite alcançar uma consciência espiritual, estado onde a Lei da Graça funciona e através dessa energia divina, o Karma começa a ser equilibrado, encontrando finalmente a Verdade do Ser. Assim, a chave do caminho espiritual é a transmutação do Karma em Dharma, desenvolvendo a capacidade de fazer do passado o prelúdio de um nobre destino. Assim, cumprindo o seu dever específico, aquele que melhor serve o seu estado evolutivo expande a sua consciência e atinge a libertação.

Uma vida justa não é a vida religiosa comum, que consiste em professar a fé em certos dogmas, mas sim a adoção de uma atitude completamente impessoal em perfeita harmonia com a Lei e com a Natureza.

O homem deve auxiliar aqueles que o rodeiam, criando um centro de harmonia através do qual possam fluir energias dos planos subtis para o mundo, e assim ajudar a Humanidade. Todo o indivíduo que consegue criar este canal converte-se não só

num agente da Vida Divina, mas também num guia, dos que aspiram desenvolver a sua natureza espiritual.

Pode acontecer que, apesar de todos os nossos esforços, não consigamos agir sempre corretamente, mas se houver uma motivação e a vontade necessária, gradualmente a presença de Buddhi (Intuição) nos capacitará para proceder corretamente. O Amor que se estabelece nos firmará numa vida correta, que flui naturalmente do centro de nossa consciência espiritual, no cumprimento da Grande Lei que sustenta o Universo.

Mas, não devemos confundir esta luz da Intuição, com o que nos pede a mente embotada pelos desejos e preconceitos religiosos, quando é tomada equivocadamente como a voz de Deus.

A Teosofia é também entendida como Sabedoria ou Sageza da vida, como Gnose, daí o Dharma ser conhecido como a Lei da Vida.

Torna-se para nós ainda um pouco difícil falar de Teosofia sem referir H.P.B., pode ser ainda um sinal de apego, mas também pode ser indício de uma grande gratidão. Naquele tempo, estamos a falar do século XIX, esta discípula revolucionou o pensamento daquelas mentes ortodoxas e foi ela que, em 1875, pela primeira vez, introduziu os Mestres e os deu a conhecer ao mundo. A missão da Sociedade Teosófica é difundir a Teosofia no mundo, estimulando a civilização atual dentro da compreensão da Unidade da Vida, da Fraternidade e da prática do altruísmo.

Citamos o nosso Irmão Dr. Humberto Costa: “Não viver para si próprio, mas

viver para a Humanidade, auto-preparar-se, desenvolver em si as qualidades da nova raça, servir os Mestres de Sabedoria que servem o Plano Evolutivo, iluminar as mentes dos homens, difundindo o conhecimento das Leis que governam o Universo e fomentar a Fraternidade Universal é o Dharma dos Teósofos”. No entender dos Mestres e H.P.B., a S.T. foi instituída para mudar os paradigmas culturais, religiosos e científicos destinados à geração do Novo Homem da 6.^a Raça, o da Razão e da Intuição.

O processo de globalização da economia, da alta finança e também das tecnologias, da informática e das nações, tem sido um fator tendente a acentuar, cada vez mais, as desigualdades sociais e não tem sido acompanhado da ética da solidariedade mundial. H.P.B. referiu que a ética é a alma da Teosofia. Ela enfatizava que a Teosofia é a quinta-essência do dever. Definiu o dever como aquilo que é devido à Humanidade, aos nossos semelhantes, vizinhos, família e sobretudo aquilo que devemos aos que são mais pobres. Em Ocultismo, dizia, o primeiro dever é executar o nosso dever em detrimento de outro. Cogitamos que, a Ordem Teosófica de Serviço, criada por Annie Besant, se destina também a servir esta finalidade.

A Sociedade Teosófica foi um movimento lançado no mundo por alguns membros da Fraternidade Branca, principalmente pelo Mestre Morya, o Mestre Koot-Hoomi e também com a colaboração do Mestre Tibetano, que ditou grande parte da Doutrina Secreta a H.P.B.. De acordo com I.K. Taimni, existe um

propósito na S.T., resumido a três funções. Estas podem ser assim apresentadas:

1. dar à humanidade certas verdades mais profundas da vida, que são necessárias para o próximo passo na evolução humana;

2. induzir certos princípios universais nas mentes das pessoas em geral, tais como o da Fraternidade, de modo que se possa tornar viável o advento de uma ordem mundial;

3. prover discípulos no mundo que compreendam o Plano Divino, para cooperarem com os nossos Mestres no trabalho que Eles estão executando para o melhoramento da Humanidade.

Provavelmente chegou o tempo de dar à humanidade uma oportunidade de cooperar diretamente com seus Irmãos Mais Velhos que têm, por eras, guiado a humanidade, educando-a e trazendo-a ao presente estágio da evolução. Mas esta cooperação pode tornar-se uma realidade bem definida e uma força na direção do progresso, somente quando as verdades da Teosofia permearem o pensamento mundial e realizarem as mudanças fundamentais, necessárias à vida e de acordo com o homem médio. Ainda dentro do pensamento de I.K.Taimni a Sabedoria Divina ou Teosofia é um estado de consciência que ao mesmo tempo abarca a percepção da verdade e do Amor impessoal ou Altruísmo, bem como a realização da Felicidade transcendente ou Ananda.

Agora, no mundo onde vivemos, a Sociedade Teosófica representa o início dum pequeno núcleo de Fraternidade na Humanidade, o qual está a tentar assimilar estas verdades e preparando-se para este

trabalho de cooperação. Assim, se uma maior influência deste núcleo trouxer condições mais favoráveis ao mundo, para a aceitação da Ciência Espiritual, podemos esperar melhores condições para uma intervenção mais direta dos nossos Mestres, nos assuntos mundiais.

A ligação da S.T. aos verdadeiros guias da humanidade, confere uma dignidade especial ao nosso trabalho, tangenciando quase o sagrado, e dá à maioria dos seus membros uma inspiração e um entusiasmo que são necessários para o cumprimento dos seus objetivos.

Isso habilita-nos a permanecer firmes, leais, serenos, úteis e ativos nas crises que por vezes ocorrem dentro da S.T.. Todos podemos também ter as nossas crises, mas com fé e com entusiasmo elas passam e tornam-nos mais fortes. Esta atitude transcende quaisquer diferenças que possam surgir em relação aos métodos de trabalho e, portanto, aconteça o que acontecer, não desertamos do serviço da grande Causa que a Sociedade representa no mundo.

Cada membro pode planejar cuidadosamente o seu próprio trabalho, e executá-lo da melhor maneira que lhe seja possível, sabendo que quaisquer que sejam as suas limitações, ele de algum modo será usado no trabalho muito maior que os Irmãos Mais Velhos estão executando, incessantemente, para a elevação da humanidade.

Tentámos abordar no texto, embora de uma forma bastante diluída, as quatro qualidades enunciadas por Krishnamurti, necessárias para entrar no Caminho: Discernimento, Desprendimento, Boa Conduta e Amor.

Os três objetivos da Sociedade Teosófica: o princípio da Fraternidade Universal, a analogia das Ciências Filosofias e Religiões e o Estudo das Leis que regem o Universo e a Vida, devidamente meditados e materializados sintetizam toda a vivência da Teosofia no mundo de hoje e podem determinar o devir da Humanidade. Esta é uma grande missão a cumprir e a força necessária deverá ser cimentada com o amor do coração, a intuição da alma e a sabedoria e a vontade do Espírito. E tudo será Luz. Vale a pena tentar. ∞

Bibliografia:

A Doutrina Secreta, H.P. Blavatsky
As Sete Leis Fundamentais, Humberto Costa
Aos Pés do Mestre, J. Krishnamurti
O Plano Divino e a Sociedade Teosófica, I.K.Taimni
Dharma, Annie Besant
Bhagavad Gita, A Mensagem do Mestre
O Homem-Deus ou o sentido da Vida, Humberto Costa
Dharma, Ética e Moral. Conceito de Bem e Mal. O Caminho da Vida, MCN

Cada membro é importante no seu lugar; não há ninguém tão insignificante que não possa ser uma célula vital no corpo vivo e no crescimento da Sociedade. Isto não significa que cada um deva falar ou dar palestras; mas se o fizer, o que disser deve definitivamente valer a pena ser dito. Um homem pode dizer apenas uma palavra no momento e no lugar certos, e isso dirá mais do que qualquer um outro número de palavras derramadas a esmo. Todos pensam, sentem e estão em contacto com outras pessoas. Não podemos evitar deixar uma marca a toda a hora, onde quer que estejamos. A única pergunta é a seguinte: qual será a natureza da marca que deixamos, da influência que legamos às pessoas que encontramos, qual será o conteúdo dos nossos pensamentos, a qualidade das nossas emoções, a natureza das nossas ações?

Ao fazer da Teosofia um poder transformador na nossa própria vida, poderemos ser capazes não só de nos tornarmos muito mais felizes do que conseguiríamos por outra via, mas também de partilharmos com os outros a alegria que criamos para nós mesmos.

N. Sri Ram

Notícias da S.T.P.

Ao longo do primeiro quadrimestre de 2016, o trabalho levado a cabo pela S.T.P., não só na sua dimensão administrativa, mas também no que concerne às atividades públicas realizadas na sua sede, em Lisboa, foi marcado por aquela harmonia que permitiu ampliar a aproximação fraterna e consolidar a atmosfera especial que todos facilmente sentimos na sede da S.T.P.

No dia 15 de janeiro, realizou-se uma tertúlia/reflexão partilhada subordinada ao tema Compreender o sofrimento. A tertúlia foi coordenada por Carlos Guerra e contou com a presença e a participação de um número significativo de membros e de simpatizantes da S.T.P. Uma vez mais, verificou-se a vantagem deste formato de atividade pública, sobretudo pelo facto de permitir a reflexão e o diálogo abertos, numa investigação verdadeiramente conjunta.

No dia 13 de fevereiro, foi comemorado o Dia de Adyar. Refira-se que a data oficial da comemoração é o dia 17 de fevereiro, mas nem sempre a disponibilidade de calendário permite a realização da comemoração no dia exato. Na verdade, o espírito da comemoração estende-se para além dos limites de uma data concreta. Relembre-se que no Dia de Adyar se presta homenagem a Henry Olcott, bem como a todos aqueles que direta ou indiretamente têm ajudado a manter viva a sede internacional da Sociedade Teosófica, em Adyar. No Dia de Adyar sublinha-se também a importância da sede internacional, como espaço privilegiado na história da Sociedade Teosófica e na expansão mundial

do movimento teosófico. No contexto da comemoração, faz sentido apelar ao fortalecimento da ligação entre todos os membros e simpatizantes da Sociedade Teosófica, dela fazendo uma organização de expressão máxima da liberdade e da fraternidade. Henry Olcott foi o primeiro presidente internacional da Sociedade Teosófica, entre 1875 e 1907. Faleceu no dia 17 de fevereiro de 1907. Com palavras breves de homenagem e com dádiva de flores, a comemoração deste dia era tradicionalmente realizada junto ao local onde o corpo de Henry Olcott fora cremado, na sede internacional da Sociedade Teosófica, em Adyar. Em 1916, Annie Besant, presidente internacional à data, altera essa tradição e dá início à comemoração do Dia de Adyar junto à estátua de H.P.B. e de Henry Olcott, no grande átrio de entrada no edifício sede, o que ainda hoje se mantém.

No dia 20 de fevereiro, Maria João Figueira proferiu uma palestra, na qual abordou o tema Ligando ciência e espiritualidade. A abordagem, feita de forma interativa, foi bastante completa e esclarecedora. O grande número de imagens e esquemas ilustrativos e motivadores permitiu acompanhar toda a comunicação, de forma atenta. No final, foi mantido um debate sobre várias questões suscitadas pela abordagem do tema. Refira-se que a palestra apresentada se enquadra na comunicação feita por Maria João Figueira, sobre a mesma temática, no 37.º Congresso Europeu, organizado pela Federação Europeia da Sociedade Teosófica e pela Secção Francesa, entre 30 de julho e 3 de agosto de 2014, no Teatro Adyar/Paris, na sede da Sociedade

Teosófica em França. Ligando a ciência e a espiritualidade foi exatamente o tema do congresso.

No dia 12 de março, Ana Maria Coelho de Sousa e Carlos Guerra, que tiveram o privilégio de, em várias ocasiões, visitar Adyar, coordenaram uma sessão pública, na qual foi feita uma visita virtual à sede internacional da Sociedade Teosófica, em Adyar, através da exploração dos conteúdos do seu website. Ana Maria Coelho de Sousa apresentou ainda, de forma bastante completa, o Website The Elephants, relativo a um conjunto de renovações a levar a cabo na sede internacional da Sociedade Teosófica.

No dia 9 de abril, Ana Maria Coelho de Sousa proferiu uma palestra sobre Ramana Maharshi e o autoconhecimento. Foi focada a preocupação de Ramana Maharshi em levar os seus discípulos, ou aqueles que o procuravam, ao conhecimento da mente, conhecimento este que acabará por conduzir à indagação permanente Quem sou eu? Ramana Maharshi advogava esse método como o mais perfeito para alcançar

o estado sem ego. Foi também visionado um documentário no qual se fez um relato da vida de Ramana Maharshi e daquilo que era viver junto deste grande Mestre, Santo e Sábio. A palestra decorreu de modo verdadeiramente inspirador, não só pelo tema e pela forma como foi abordado, mas também, e sobretudo, pelo facto do entendimento profundo e vivido que Ana Maria Coelho de Sousa tem de Ramana Maharshi e dos seus ensinamentos.

No dia 23 de abril, Carlos Guerra voltou a coordenador uma outra tertúlia/reflexão partilhada, desta vez subordinada ao tema Autoconhecendo-se, numa abordagem que permitiu sublinhar a importância de o autoconhecimento poder ser encarado como um processo dinâmico e autotransformador. Sem a preocupação de chegar a conclusões redutoras, foi clarificada a compreensão do autoconhecimento como um processo relativamente ao qual o estabelecimento de metas pode ser limitador.

∞

Carlos Guerra

Todas as religiões, todas as artes, todas as ciências são ramos da mesma árvore. Todas estas aspirações são direccionadas no sentido de enobrecer a vida do homem, erguendo-a da esfera da mera existência física, e conduzindo o indivíduo em direção à liberdade.

Albert Einstein
Out of My Later Years

LIBERDADE DE PENSAMENTO

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1924

Uma vez que a Sociedade Teosófica se espalhou por todo o mundo civilizado e que tem nos seus quadros membros de todas as Religiões, os quais não renunciam às doutrinas peculiares e ensinamentos de suas respectivas crenças – logo que não vão contra o Princípio da Fraternidade Universal sem distinção de qualquer espécie – conclui-se ser desejável acentuar o facto de não haver nenhuma doutrina ou opinião ensinada, que o membro da Sociedade seja obrigado a seguir ou não tenha liberdade de aceitar ou recusar. A aceitação dos seus objetivos é a única condição para tornar-se membro da Sociedade. Nenhum escritor ou instrutor, seja H. P. Blavatsky ou qualquer outro, tem autoridade para impor os seus ensinamentos ou opiniões aos membros. Pode apenas expô-los. Cada membro tem igual direito de aceitar qualquer escola de pensamento da sua preferência, mas não tem o direito de impor aos outros. A ninguém se pode negar o direito de votar ou de ser elegível por causa das opiniões que defenda ou da escola de pensamento a que pertença, logo que o Princípio da Fraternidade seja respeitado, pois as opiniões ou crenças não conferem privilégios, nem acarretam penalidades de qualquer espécie. Os membros do Conselho Geral rogam, encarecidamente, a todos os membros da Sociedade Teosófica, que sustentem, defendam e atuem de acordo com os princípios fundamentais da Sociedade e também exerçam com firmeza o seu direito de liberdade de pensamento e expressão, dentro dos limites de cortesia e delicadeza para com os demais.

INDEPENDÊNCIA DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

Resolução aprovada pelo

Conselho Geral da S.T. a 30 de Dezembro de 1950

Embora cooperando com quaisquer outras entidades cujos objetivos possibilitem tal cooperação, a Sociedade Teosófica é e deve permanecer uma Organização inteiramente independente daquelas, sem compromissos com quaisquer objetivos que não os seus e atenta ao desenvolvimento do seu próprio trabalho, dentro das normas mais amplas, de modo a dirigir-se para o fim expresso nos seus Objetivos, que incluem o conceito de Sabedoria Divina contido na expressão «Sociedade Teosófica».

Dado que a Fraternidade Universal e a Sabedoria são insuscetíveis de definições completas, há, individual e coletivamente, total liberdade de pensamento para todos os membros da Sociedade, procurando esta manter sempre o seu caráter único e distinto, sem se identificar com qualquer outra organização.

SOCIEDADE TEOSÓFICA DE PORTUGAL

Rua José Estevão 10 B,

1150-202 Lisboa

www.sociedadeteosoficadeportugal.pt

geral@sociedadeteosoficadeportugal.pt

tel.: 213 534 750

Ramos e Grupos de Estudo

- ÉVORA -

Boa Vontade - Maria João Figueira,
mjoaofigueira2009@gmail.com

- LISBOA -

Annie Besant - Carlos Guerra,
carlos.a.g.guerra@gmail.com,
tel.: 266 703 135, 965 741 281

Aquário - António Almeida,
antonioicrpalmeida@gmail.com,
tel.: 218 137 424, 964 786 035

Fraternidade - José António Alves,
isabeljoseantonio@gmail.com

Isis - Maria Lucília Meleiro,
tel.: 217 165 129

Koot-Hoomi - Isabel Nobre Santos,
minobre@yahoo.com

Lotus Branco - (o ramo será reativado,
tão cedo quanto possível)

Maitreya - Maria de Lourdes Simões,
mlourdessimoes@sapo.pt, 965 100 947

- PORTO -

Dharma - Gabriel Pedro Velasques,
Horus - José Almeida

informação comum a ambos os ramos:
1.ª e 3.ª quinta-feira do mês, 21:30,
Praça da República 13, 3.ºB, Porto,
shakti@sapo.pt, 963 408 166

- SÃO MIGUEL, AÇORES -

G. E. Arcanjo Miguel - Lubélia
Travassos, lubtravassos@gmail.com,
tel.: 296 285 266

- SETÚBAL -

G. E. Amor, Verdade e Beleza -
(o ramo será reativado, tão cedo quanto
possível)

Sociedade Teosófica

Presidente: Mr Tim Boyd • **Vice-Presidente:** Dr Chittaranjan Satapathy • **Secretária:** Ms Marja Artamaa • **Tesoureiro:** Mr K. Narasimha Rao

Sede: Adyar, Chennai (Madras) 600 020, India • www.ts-adyar.org

Órgão Oficial do Presidente: "The Theosophist", fundado por H. P. Blavatsky em 1879

Ano*	Secção	Secretário Geral	Endereço	Revista	Email
1947	Africa, East & Central	Mr Narendra M. Shah	PO Box 14525, 00800-Westlands, Nairobi, Kenya	<i>The Theosophical Light</i>	narendrashahi999@gmail.com
1909	Africa, South	Mr Jack Hartmann	9 Roncan, 38 Princess Ave., Windsor E. 2194	<i>The S. African Theosophist</i>	hartmann.jack.c@gmail.com
1956	Africa, West	Mr John Osmond Boakye	PO Box 720, Accra, Ghana	<i>The W. African Theosophist</i>	tswafrika@gmail.com
1929	America, Central*	Mrs Beatriz Martínéz Pozas	Colonia Universitaria Norte, Calle Julio Mejía, Polígono E-7, Mejicanos, San Salvador, El Salvador C. A.		bemapo@hotmail.com
1920	Argentina	Mr Jorge Garcia	Santiago 257 - 2000, Rosario	<i>Teosofia en Argentina</i>	stargentina@sociedad-teosofica.com.ar
1990	Asia, East and Southeast †	Mr Chong Sanne	540 Sims Avenue, No. 03-04 Sims Avenue Centre, Singapore 387 603	<i>Newsletter</i>	sanne@theosophyasia.net
1895	Australia	Mrs Linda Oliveira	Level 2, 162 Goulburn St., Surry Hills, NSW 2010	<i>Theosophy in Australia</i>	tshq@autheos.org.au
1912	Austria †	Mr Albert Schichl	Oberbaumgarten 25, 4204 Haibach im Muhlkreis	<i>Theosofie Adyar</i>	theosophie.austria@aon.at
2013	Bangladesh †	Mr B. L. Bhattacharya	B/4-3, Iswarchandra Nibas, 68/1, Bagmari Road, Kolkata 700 054		bitbos_2005@yahoo.com
1911	Belgium	Mrs Sabine Van Osta	Place des Gueux 8, B1000 Brussels	<i>Le Lotus Bleu</i>	sabine_van_osta@hotmail.com
1965	Bolivia	Mrs Guillermina Rios de Sandoval	Passage Jauregui No. 2255, La Paz		guillieriossandoval@yahoo.com
1920	Brazil	Mr Marcos L. B. de Resende	SGAS - Quadra 603, No. 20, CEP 70200-630 Brasília (DF)	<i>Sophia</i>	marcos.resende@riedel.com.br
1924	Canada *	Mrs Maryze DeCoste	3162 Rue de la Bastille Boisbriand QC, J7H 1K7	<i>The Light Bearer</i>	modecoste@hotmail.com
1920	Chile *	Mr Cesar Ortega Ortiz	Cañilla 11 Sucursal Paseo Estacion, Estacion Central, Santiago	<i>Revista Teosofica Chilena</i>	sociedadteosoficachile2010@gmail.com
1937	Colombia †	Mrs Nelly Medina de Galvis	Carr 22, # 45B-38 (Cons. 404), Barrio Palermo, Bogotá	<i>Selección Teosofica</i>	nmedinaga@yahoo.es
1997	Costa Rica †	Mrs Maria Orlich	Apartado 8-6710-1000, San José		orlichsm@gmail.com
2007	Croacia Δ	Mrs Nada Tepeš	Krajiška Ulica 24, 10000 Zagreb	<i>Teozofija</i>	z.zemlja@gmail.com
1905	Cuba	Mrs Barbara A. Fariñas Piña	Apartado de Correos 6365, La Habana 10600		teocuba.sociedad@gmail.com
1987	Dominican Republic †	Mrs Magaly Polanco	Calle Santa Agueda 1652 Les Chalet Col San Juan, Puerto Rico Apartado 23 00926		polancoagaly@yahoo.com
1888	England	Mrs Jenny Baker	50 Gloucester Place, London W1U 8EA	<i>Insight</i>	president@theosoc.org.uk
1907	Finland	Mrs Mirva Jaatinen	Teosofinen Seura, Vironkatu 7C2, Fin 00170, Helsinki	<i>Teosofi</i>	info@teosofinenseura.fi
1899	France	Mrs Jeannine (Nano) Leguay	4 Square Rapp. 75007 Paris	<i>Le Lotus Bleu</i>	editionsadyar@wanadoo.fr
1902	Germany	Mrs Manuela Kaulich	Hauptstr. 39, 93138 Lappersdorf	<i>Adyar</i>	theosophie-adyar@gmx.de
1928	Greece	Mr Antonios Papatreou	25 Voukourestiou St., 106 71-Athens	<i>Ilisos</i>	info@theosophicalsociety.gr
1907	Hungary †	Mr Thomas Martinovich	Hunyadi Janos ut 17. II. 8, H-1011 Budapest	<i>Teozofia</i>	tshutu7@hu.inter.net
1921	Iceland	Mr Halldor Haraldsson	P.O. Box 1257 Ingolfstraeti 22, 121 Reykjavik	<i>Gangleri</i>	iceland.ts@gmail.com
1891	India	Mr S. Sundaram	The Theosophical Society, Varanasi - 221 010	<i>The Indian Theosophist</i>	theosophyvns@gmail.com
1912	Indonesia	Mr Widaymoko	Dsn. Paralegi no. 21, RT 02/ RW 09, Desa Purwodadi, Kecamatan Purwodadi, 67163 Pasuruan, Jawa Timur	<i>Theosofi</i>	indotheosofi@gmail.com
1949	Ireland *	Mrs Marie Harkness	97 Mountsandel Road, Coleraine, Co. Londonderry, UK BT52 1TA		marieharkness@yahoo.co.uk
1954	Israel Δ	Mr Abraham Oron	PO Box 9114, Ramat-Gan, Israel 5219002	<i>Or</i>	ornet@theosophia.co.il
1902	Italy	Mr Antonio Girardi	Viale Quintino Sella, 83/E, 36100 Vicenza	<i>Rivista Italiana di Teosofia</i>	sti@teosofica.org
1997	Ivory Coast *	Mr Pierre-Magloire Kouahoh	Yopougon, 23 Rue Princesse - B.P. 3924, Abidjan 23	<i>Sophia</i>	pm_kouahoh@hotmail.com
1919	Mexico	Mr Enrique Sanchez	Ignacio Mariscal 126 Col. Tabacalera Mexicana, Mexico, D.F. 06030		sede@sociedadteosofica.mx
1897	Netherlands	Mr Wim Leys	Tolsraat 154, 1074 VM Amsterdam	<i>Teosofia</i>	info@teosofie.nl
1896	New Zealand	Mr Jhon Vorstermans	18, Belvedere Street, Epsom, Auckland 1051	<i>TeoSophia</i>	np@theosophy.org.nz
1913	Norway *	Dr Saleh Noshie	N-6873-Marijora		saleh.noshie@bedriftshelse1.no
1935	Orlando Δ	Mr Carl Metzger	1606 New York Ave., Orlando, Florida 32803-1838, USA		theosophicalsocietycf@gmail.com
1948	Pakistan †		Jamshed Memorial Hall, M. A. Jinnah Road, opp. Radio Pakistan, Karachi	<i>The Karachi Theosophist</i>	bhagwanbharvani@hotmail.com
1924	Peru †	Mr Julio Gerardo Pomar Calderón	Av. Republica de Portugal 152, Breña, Lima 5	<i>Búsqueda</i>	sede-central@sociedadteosoficaenperu.pe
1933	Philippines, The	Mr Rosel Doval-Santos	Corner P. Florentino and Iba Streets, Quezon City, Manila	<i>The Philippine Theosophist</i>	philtheos@gmail.com
1921	Portugal	Mr Carlos Guerra	Rua José Estevão, 10 B, 1150-202 Lisboa	<i>Osiris</i>	geral@sociedadteosoficadeportugal.pt
1925	Puerto Rico †	Mrs Magaly Polanco	Apartado 36-1766, 609 Correo General. San Juan, Puerto Rico 00936-1766	<i>Heraldo Teosofico</i>	polancomagaly@yahoo.com
2012	Qatar Δ	Mr Lijo Joseph	Crewing Officer, Teyseer Services Company P.O. Box 2431, Doha		qatarblavatskyldodge@yahoo.com
2013	Russia †	Mr Pavel Malakhov	Molodyozhny pr., 10-221, 650070, Kemerovo		pr@ts-russia.org
1910	Scotland *	Mr Stuart Trotter	28 Great King Street, Edinburgh, EH3 6QH	<i>Circles</i>	albion.trotter@gmail.com
1992	Slovenia *	Mrs Breda Zagar	Kunaverjeva 1 SLO - 1000 Ljubljana	<i>Teozofska Misel</i>	zagarbreda@gmail.com
1921	Spain	Mrs Angels Torra Buron	Av. Vall d'Or, 85-87, 08197 - Valldoreix	<i>Sophia</i>	presidencia@sociedadteosofica.es
1926	Sri Lanka †	Mr M. B. Dussanayake	2-C/60, Marthegoda Housing Scheme, Marthegoda	<i>The Sri Lanka Theosophist</i>	mbdassa@gmail.com
1895	Sweden	Mrs Ing-Britt Wiklund	Kalle Posts vag 48, S-702 29 Orebro	<i>Tidlös Visdom</i>	ing-britt@wiklund-orebro.se
1910	Switzerland †	Mrs Eliane Gaillard	17 Chemin de la Côte, CH-1282 Dardagny, Genève	<i>The Lotus</i>	egaillard@bluewin.ch
1997	Togo *	Mr Kouma Dakey	S.O., A.R.T.T., BP 76, Adeta		
2007	Ukraine *	Mrs Svetlana Gavrylenko	Office 3, 7-and Zhylianska St., Kiev 01033	<i>Svitoch</i>	org@theosophy.in.ua
1886	USA	Mr Tim Boyd	PO Box 270, Wheaton, IL, 60187-0270	<i>The Quest</i>	admin@theosophical.org
1925	Uruguay *	Mr Ramon Garcia	Javier Barrios Amorín 1085, Casilla de Correos 1553, Montevideo		st.uruguay@gmail.com
1925	Venezuela †	Mrs Nelly Nouel	Av. Macaure Qta. Amore, Mararaquat, Caracas		nellynouel5@gmail.com
1922	Wales *	Mrs Julie Cunningham	Bryn Adda, Brynscynyn, Llanfairpwll, Anglesey, LL61 6NX UK		theosophywales@yahoo.co.uk

* *Data de formação* * *Associação Regional* † *Agência Presidencial* Δ *Grupo adstrito a Adyar*

SOCIEDADE TEOSÓFICA

A Sociedade Teosófica foi fundada em Nova Iorque, Estados Unidos da América, a 17 de Novembro de 1875.

A sua Sede Internacional foi instalada em Adyar, Chennai (Madras), Índia, em 1882.

OBJETIVOS DA SOCIEDADE TEOSÓFICA

1º Formar um núcleo da Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor.

2º Encorajar o estudo comparado das Religiões, das Filosofias e das Ciências.

3º Investigar as leis inexplicadas da Natureza e os poderes latentes no Homem.

Conselho da Federação Europeia das Sociedades Nacionais

The Council of the European Federation of National Societies

Presidente: Tràn-Thi-Kim-Diêu

67 Rue des Pommiers

F-45000 Orleans, France

trankimdieu@msn.com

Federação Teosófica Inter-Americana

Inter-American Theosophical Federation

Presidente: Mrs Isis M. B. Resende

SGAS 603 conj. E s/n. Brasília-DF, CEP 70200-630 - Brasil

imbresende@gmail.com

Federação Teosófica Indo-Pacífico

Indo-Pacific Theosophical Federation

Presidente: John Vorstermans

60B Riro Street, Point Chevalier

Auckland 1022, New Zealand

john@theosophy.org.nz

Federação Teosófica Pan-Africana

Pan-African Theosophical Federation

Presidente: Jack Hartmann

9 Ronean, 38 Princess Avenue, Windsor E 2194, South Africa

hartmann.jack.c@gmail.com